

“Não devemos ter medo desta nova versão dos factos”

FOTOGRAFIA CÁMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO



ANTONIETA REIS LEITE Portugueses foram “pragmáticos” e utilizaram modelo medieval

A arquiteta Antonieta Reis Leite, professora e investigadora da Universidade de Coimbra, dedicou a sua tese de doutoramento a Angra, a cidade que será, afinal, de matriz medieval.

Pode ter de esquecer muito do que leu em livros, folhetos turísticos e até na documentação que serviu de suporte à classificação pela UNESCO de Angra do Heroísmo como Património Mundial da Humanidade. A professora da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Sociais desta academia Antonieta Reis Leite defende que a matriz de Angra não é renascentista, mas sim medieval.

“Angra não é, evidentemente, uma cidade medieval, até pela época em que nasceu. Contudo, o que se passa é que sendo uma das primeiras cidades da expansão portuguesa,

podemos dizer que a sua matriz genética é a dessa experiência medieval em Portugal continental”, precisa Antonieta Reis Leite, também licenciada e doutorada em arquitetura pela Universidade de Coimbra.

“Se é verdade que outras culturas, nomeadamente Espanha, usaram modelos teoricamente mais desenvolvidos para a sua cidade de expansão, no caso português essa matriz genética vai buscar referências à cidade medieval”, sublinha, acrescentando: “A conquista de território pelos cristãos e a definição das fronteiras foram a última grande

experiência de ocupação de território em Portugal continental, usada como metodologia para a ocupação dos territórios ultramarinos”.

Antonieta Reis Leite proferiu, quarta-feira, uma conferência inserida nas comemorações do 485º aniversário da cidade de Angra do Heroísmo, que abordou esse tema.

Em declarações ao DI, após a conferência, considerou que, durante muitos anos, se procurou nas cidades da expansão portuguesa evidências de um pensamento mais desenvolvido a nível teórico, que não existiu, simplesmente, porque era mais prático. “Se olharmos para Portugal continental, conformado na sua fronteira muito cedo, de alguma forma esse modelo foi suficiente para cumprir a tarefa e, da mesma forma, pragmaticamente, nas ilhas, no Brasil, em África...”, explica.

A MEMÓRIA DA CIDADE

Onde estão os vestígios dessa ori-

gem medieval de Angra do Heroísmo? Antonieta Reis Leite começa por defender que há alguns restos arqueológicos que não foram estudados, “porque uma das oportunidades que se perderam na sequência do sismo foi precisamente não ter havido um trabalho arqueológico profundo”.

“Havia a urgência, a vontade de construir rapidamente e ninguém se queria lembrar da memória da ruína e dos trabalhos de arqueologia que não foram feitos. No entanto, o sismo deixou à vista algumas referências a essa construção medieval”, aponta.

Uma pista está na esquina entre a Rua do Salinas e a Rua da Sé. “Isso está à vista. Um arco com uma leitura medieval, abatido e apontado”. Além disso, “há umas janelas quinhentistas no interior de alguns lotes da Rua da Palha”.

Pequenas referências, que, em conjunto, permitem fazer uma inter-

pretação. Outra grande prova está na Rua da Palha. “Vê-se na Carta de Linschoten: É uma das poucas ruas que ligam ao interior da ilha. Isso é uma referência. Se olharmos para a história do urbanismo de uma forma global, vemos que esses caminhos de penetração no interior do território são sempre caminhos que agarram os núcleos iniciais de povoamento. Esse é o caminho de entrada no território. A Rua da Palha, atualmente através da Miragaia. Hoje em dia, de alguma forma, um caminho velho e pouco central, mas que terá tido uma centralidade até tarde”, fundamenta. Depois, a cidade foi-se desenvolvendo, ganhando traços renascentistas.

duz-se o modelo que se conhece, faz-se da forma que sempre se fez. Depois, enquanto se pensa na cidade e no seu crescimento, surgem outras escolhas”, afirma. Mesmo com sinais renascentistas, Antonieta Reis Leite continua a sublinhar que a cidade não apresenta “aquela abertura de eixos perspéticos”, uma estrutura mais elaborada. “Mais uma vez, surgiu o pragmatismo, que, aliás, faz parte da leitura que temos sobre a cidade colonial de uma forma global. Não é um caso específico português nem do século XVI. Ainda hoje é assim, se olharmos, por exemplo, para a cidade colonial israelita. Pragmatismo, atuação, imposição sobre um ter-

“A cidade não perde importância”

“A Rua Direita já não é de todo medieval e é o mais próximo de uma ideia renascentista para a cidade. É o avanço e a abertura para o mar, para as rotas marítimas, que a partir de 1500 se expandem a uma velocidade tremenda”, conta.

A Rua Direita é uma das ruas mais largas construídas por Portugal no Antigo Regime. Uma curiosidade: As inundações não são um assunto apenas dos dias de hoje. “Há toda a relação com a topografia, com o ambiente natural. Sabemos que a zona era inundável. A rua existe com esta conformação para escoar a água. Num estudo recente que fiz com um colega engenheiro especialista em hidrografia, investigador em Zurique, João Paulo Leitão, sobrepussemos a minha cartografia antiga e os meus estudos sobre a evolução da cidade aos modelos que ele usa para a gestão de águas e a conclusão a que chegámos foi que só com a chuva, sem a água das ribeiras, sem nada, aquela zona é alagada. Há inundações”, revela.

Assim, considera a investigadora da Universidade de Coimbra, não faria sentido começar a construir a cidade pela Rua Direita. “Pela rua mais larga, quando a população, no início, seria relativamente reduzida e as preocupações não seriam tão estéticas, renascentistas, mas sim mais pragmáticas. Aí sim, repro-

ritório, de uma forma direta, para recolher recursos naturais”.

PENSAMENTO QUE EVOLUI

A tese defendida por Antonieta Reis Leite colide com muito do que se tem dito e escrito sobre Angra do Heroísmo. A arquiteta conta que Álvaro Monjardino, advogado e primeiro presidente do Parlamento Açoriano, que impulsionou o processo de classificação da cidade como Património Mundial da Humanidade, a classificou como “cientificamente atrevida”, de uma forma positiva.

O conhecimento, diz Antonieta Reis Leite, não é algo que permanece “congelado”, mas um processo. “O que se sabia em 1980 era isto, os documentos que estavam disponíveis eram aqueles. A própria historiografia do urbanismo português só cresceu a partir de meados dos anos 90, fruto de um impulso muito grande na formação de arquitetos e historiadores de arte”, lembra.

Já as mudanças na narrativa e na imagem da cidade, na atitude das entidades oficiais, admite que levarão tempo.

O que defende, sublinha, não retira valor à cidade: “Não devemos ter medo de olhar para esta nova versão dos factos. Explica efetivamente a malha urbana, não é um conto vago, mas uma história com pés e cabeça”. ■



ENTREGA DE DISTINÇÕES NO ANIVERSÁRIO DA CIDADE

Angra faz homenagem

Na sessão solene de celebração do 485.º aniversário da cidade de Angra do Heroísmo foram homenageadas personalidades e instituições. José Matos, professor catedrático da Universidade dos Açores; Filipe Humberto Lourenço de Sousa, ganadeiro (a título póstumo) e Dionísio Sousa, político e personalidade ligada à Cultura, foram distinguidos com medalhas de mérito municipal- classe profissional. Esta medalha, na vertente cultural, também foi atribuída a Luiz Rafael do Carmo, “pelos relevantes serviços prestados à comunidade angrense”.

As rádios 97.3 FM WJFD-New Bedford e KLBS AM 1330-Los Banos receberam a medalha de mérito municipal ainda no campo cultural, que foi ainda entregue ao Grupo Coral do Raminho.

A medalha de mérito, mas na classe industrial e comercial, foi para o Mini Mercado Sousa “pelos 100 anos ao serviço do comércio local”.

Na classe desportiva, a medalha de mérito municipal foi para Carlos Alberto Alves da Silva, com um percurso relevante nesta área e antigo colaborador do DI. A mesma distinção foi para Carlos Alberto Silva Sousa, antigo jogador de futebol e treinador.

A medalha de mérito municipal filantrópica foi para António Eduardo Gonçalves Nunes, “pela promoção das tradições e língua portuguesa nas comunidades da diáspora açoriana nos Estados Unidos da América”.

As medalhas de bons serviços municipais foram para António Nunes Mota e José Vieira Martins Trovão.

Foi apresentado um voto de louvor a José Dimas Ávila, pela criação do Museu Rural, Casa da Atafona, nas Doze Ribeiras. Votos de congratulação foram para Gustavo Silva, pelos títulos obtidos na modalidade de natação e para o fotógrafo Luís Godinho, que recebeu o Prémio Fotógrafo Europeu de 2019.

Também o Boavista Club da Ribeirinha recebeu um voto de congratulação dada a vitória no Campeonato da Ilha Terceira, apuramento de Campeão AFAH e a Taça AFAH, na época desportiva 2018/2019. Foram da mesma forma assinalados os títulos obtidos pelo Clube Desportivo do Centro Comunitário do Posto Santo no campeonato Nacional da II Divisão- Série Açores em Futsal e de Standard em dança desportiva.

Outro voto de congratulação foi para o projeto “Um dia pela Vida”, dedicado à luta contra o cancro.

Os prémios de mérito escolar para os melhores alunos das escolas secundárias e profissionais do concelho foram para Maria José Silva, Leonor Mesquita Patrocínio, Valéria Eduarda Silva da Rosa, Nadja Silveira Vieira, Rafaela Moreira Pinto, José Pedro Barcelos de Melo, Ana Beatriz Rego Ávila, Maria Beatriz Lourenço Vieira e Guilherme Manuel Mendes Ribeiro. ■